

# *Nulla Dies Sine Linea*

Jayme Pereira

---

Aristóteles (384-322 a.e.c.), Platão (c. 428-347 a.e.c.) e todos os clássicos da filosofia grega debruçados sobre o couro curtido de animais escreveram tratados filosóficos ainda não superados pela Filosofia atual. Quem os levou a isso?

Sócrates (469-399 a.e.c.), o mestre de tantos discípulos, à época, não escreveu, por temer que seus ensinamentos fossem deturpados. O mesmo ocorreu com Pitágoras (c. 580-572 a.e.c.) e outros filósofos.

No entanto, Platão, depois de relutar muito em escrever sua filosofia, aderiu à escrita, a pedido dos discípulos da Academia.

A literatura sobre Platão não tem limites. Há muitas resenhas bibliográficas sobre o filósofo. Toda a produção filosófica de Platão chegou até nossos dias. São 36 títulos, segundo Giovanni Reale<sup>1</sup>, de obras autênticas muito debatidas pelos críticos. Platão cita os clássicos anteriores entre os quais destacamos Sócrates, Parmênides (c. 530-460 a.e.c.), Alcibíades (c. 450-404 a.e.c.), Crátilo (V a.e.c.), dentre outros.

A produção filosófica e científica de Aristóteles deve ser considerada entre as mais fecundas de todos os tempos e se estende sobre toda a área do saber à época. São 30 obras reconhecidas pela bibliografia crítica. Além dessas, perderam-se obras escritas dirigidas ao grande público, segundo informações de escritores do passado.

Plotino (205-270 e.c.), já no século III da nossa era, deixou 54 tratados, os quais chegaram até o presente através do exaustivo empenho de Porfírio (c. 232-304 e.c.), um dos seus discípulos<sup>2</sup>.

Se hoje podemos ler as obras desses e de muitos outros clássicos antigos, se deve ao fato de terem enfrentado todas as dificuldades para escrever.

O livro não se perde. A Bíblia, iniciada oralmente por volta de 1.300 (a. e. c.), e mais tarde transformada em escritos, tornou-se o livro mais lido na Terra. Aí está apesar das interpretações controvertidas.

A televisão, o cinema, a tecnologia avançada não superaram o livro. Milhares de escritores abastecem milhares de bibliotecas, através de milhares de livrarias.

Nas favelas do Rio de Janeiro, pessoas simples do povo, anônimos, catam livros no lixo e criam bibliotecas em seus barracos. Em cada um desses anônimos há uma força interior que os leva a criar bibliotecas em áreas tão pobres, a fim de levar conhecimentos às crianças, aos

---

<sup>1</sup> Reale, Giovanni; *Platão*; São Paulo; Loyola; 2007; página 9.

<sup>2</sup> Ullmann, Reinholdo Aloysio; *Plotino: um Estudo das Enéadas*; Porto Alegre; PUCRS; 2008.

adolescentes e até aos adultos<sup>3</sup>. São consciências resgatando o passado perdido nos tempos. O fato é que o livro resgata o passado.

A humanidade falou muito ao longo dos milênios, escreveu muito e destruiu conhecimentos deixados por outros mais sábios. Tudo isso terá de ser resgatado.

Adquiri 3 volumes dos 50 livros (Digesta) elaborados pelos juristas romanos, no século III da nossa era, e por eles reorganizados 300 anos depois, em Constantinopla, sob o comando do Imperador Justiniano (483-565 e.c.), no século VI ao consolidarem o Direito Romano, reunindo conhecimentos disseminados durante 1.200 anos.

Não havia TV, papel, nem meios iguais aos de hoje, e, no entanto, conseguiram recompor toda a sequência do Direito Romano, exarado ao longo dos séculos, de maneira primitiva, em couro curtido de animais.

Dois mil anos após, podemos reler os pareceres sobre os processos jurídicos dos tribunais de Roma. Tais processos se transformaram em fontes do Direito Romano, a base de todos os códigos jurídicos em todo o Ocidente e em países da África e do Oriente.

Após a queda de Constantinopla, os jurisconsultos se espalharam pela Europa, na Idade Média, levando pergaminhos antigos, deteriorados pelo tempo, a fim de introduzirem o Direito Romano nos países em formação<sup>4</sup>.

O mais importante nessa história: provavelmente fomos também elaboradores desses conhecimentos, quando de estilete metálico à mão, abrimos sulcos no couro curtido e inserimos tinta, sem o uso de sinais de pontuação. Escrever era muito complicado.

Do ponto de vista da Serixologia, milhares de outros escritores, além de Platão, Aristóteles e seus discípulos, retornaram à Terra, durante os séculos, através de autorrevezamentos lúcidos. Novos discípulos surgiram no tempo, em sequência cada vez mais evoluída, e melhor trabalhada, consolidaram os conhecimentos.

Johannes Gensfleisch Gutemberg (1399-1468), em 1440, inventou a tipografia (ou composição de caracteres móveis) e imprimiu entre 1450 e 1455 a célebre *Bíblia de quarenta e duas linhas* (B-42). A invenção foi se aprimorando até a tecnologia mais avançada.

Dispomos hoje do computador, e tantos meios sofisticados em benefício da escrita. Com certeza não é possível ao ser humano mais culto omitir-se na elaboração de livros, quando escritores tão considerados deixaram o exemplo desde tempos remotos, sem meios adequados à escrita.

O exemplarismo de Waldo Vieira (1932), nesta existência, há mais de 50 anos escrevendo, indica que, provavelmente, seu passado tenha sido profícuo. No momento prioriza o registro da Conscienciologia em vasta Enciclopédia, de modo a oferecer aos leitores de hoje e do futuro o privilégio de assimilarem ensinamentos evolutivos. Não se trata de repetição, mas de salto quântico evolutivo.

---

<sup>3</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/952401-livreiro-do-alemao-cria-barracoteca-na-favela.shtml>. Acesso em 28.02.2012.

<sup>4</sup> Roque, Sebastião José; *O Corpus Juris Civilis se transformou no Código Civil do Brasil*; Jus Navigandi; Teresina; ano 16; n. 3066; 23 nov. 2011. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/20479>>. Acesso em 18.03.2012.

O livro, hoje, é um dos meios mais importantes na divulgação do conhecimento. É básico no cinema, é sustentação na TV, é cultura nas salas de aula, desde a cartilha do passado à revista de hoje, além de manuais sofisticados.

Se no passado registramos nossas ideias, no presente estamos na CCCI, em patamar mais elevado, renovando evolutivamente a criação de novo acervo de livros para o futuro, preparando o retorno bem mais lúcido e autoconsciente.

Não podemos perder a oportunidade tão estimulante de escrever nossa obra-prima, provavelmente muito mais preciosa para nós mesmos, e da interassistencialidade universal. Não há egoísmo nisso, mas sapiência em registrar no papel de hoje os alicerces do conhecimento de amanhã. Este pensamento talvez possa nos incentivar à escrita mais ampla.

Se fomos consolidadores dos conhecimentos através do livro, no passado, não podemos nos omitir agora, pois temos um futuro multimilenar pela frente. Quem nos garantirá a sequência e a consequência do conhecimento senão nós mesmos, os escritores de todos os níveis e dimensões?

Os meios usados pelos escritores do passado eram: o couro curtido (de bezerras e ovelhas), a tábua coberta de cera e o estilete metálico, abrindo sulcos para cada traço até formar a letra, sem os sinais hoje utilizados (acentos, ponto, vírgula, e traços comuns). Imaginemos o tempo empregado em um tratado filosófico através da letra gravada no sulco trabalhado vagarosamente.

Da mesma forma, o uso do papiro<sup>5</sup> não facilitou muito. Era a folha seca do papiro também trabalhada no estilete. Originário do Egito, o papiro era o *papel* muito caro, e nem todos os escritores tinham condições de usá-lo. Daí ao recurso do couro de animal e suas inconveniências em guardá-lo por muito tempo devido ao mau cheiro, o apodrecimento pela umidade e tantos outros problemas, os quais não rememoramos mais.

Todos nós, escritores de todas as dimensões, podemos ter sido, por exemplo, em ordem cronológica: Homero (séc. VIII a.e.c.), Heródoto (V a.e.c.), Anaximandro (625-558 a.e.c.), Anaxímenes de Mileto (585-528 a.e.c.), Pitágoras de Samos (580-497 a.e.c.), Xonófanes de Colofão (570-528 a.e.c.), Heráclito de Efésos (540-470 a.e.c.), Zenão de Eléia (504-461 a.e.c.), Anaxágoras (500-428 a.e.c.), Parmênides de Eléia, Demócrito de Abdera (460-370 a.e.c.), Platão, Aristóteles, Marco Túlio Cícero (106 a.e.c.- 43 a.e.c.), Philon de Alexandria (séc. I e.c.), Apolônio de Tiana (séc. I e.c.), Plutarco (50-120 e.c.) (250 obras), Plotino, Agostinho (354-430 e.c.), Proclo (410-485 e.c.) (50 obras), Marco Aurélio Antonino (séc. II e.c.).

## INVENÇÃO DA ESCRITA NA SUMÉRIA

A Civilização mais antiga do mundo se deu na Suméria, mais tarde na Mesopotâmia. O súbito crescimento das cidades desenvolveu a história humana de forma dramática, e foi acompanhado pelo surgimento da escrita, a partir desse período 3300 (a.e.c.), quando ocorreram os primeiros

---

<sup>5</sup> Papiro – Erva aquática (*Cyperus papyrus*) da fam. das ciperáceas, nativa da África Central e do Vale do Nilo, é cultivado em vários países, para ornamentar. É folha de escrever e/ou pintar, feita de tiras cortadas, umedecidas e batidas, polidas após a secagem. Foi o suporte importante da escrita na antiguidade (Houaiss, Antônio; *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*; Edição eletrônica; 2009).

documentos escritos na Mesopotâmia. A escrita começou pelos pictogramas e signos cuneiformes mesopotâmicos. No início, as inscrições em argila eram transações comerciais. O uso de estilete com ponta triangular significa ângulo e daí surgiu o termo cuneiforme, que desenvolveu a escrita estilizada para o sistema silábico, permitindo a transcrição do sumério e, mais tarde, de outros idiomas.

Os Sumérios inventaram a roda, o carro, o arado, os padrões de vida citadina, a organização social e a arte da escrita.

A escrita na Suméria era cuneiforme – isto é, em forma de cunhas. A Suméria situava-se no centro do delta dos rios Tigre e Eufrates, e seu povo, o mais antigo em desenvolver a escrita – em textos primitivos.

A escrita passou a ser uma atividade essencial e um sistema aritmético foi inventado. Os escribas ocupavam o topo da hierarquia administrativa de Ur, sob a direção do soberano. A escrita devia parecer mágica para a maior parte da população. Tabuletas de argila inscritas fornecem os nomes de 500 escribas. O que foi decifrado das tabuletas permite esboçar cenas do cotidiano em Ur.

Pelo uso da escrita passamos a conhecer um passado remoto no qual provavelmente vivemos.

Apresentamos algumas informações a respeito dos sumérios:

O pai tinha uma posição privilegiada na família, segundo um complexo sistema de códigos legais. Os filhos dos pobres trabalhavam com os pais, nos campos ou nas oficinas. A escola, chamada a casa das tabuletas escritas, só era acessível aos filhos dos ricos. Estes aprendiam a utilizar cerca de 600 símbolos da escrita cuneiforme Suméria. Cada criança aprendia uma placa – escrita pelo professor – e depois tentava copiá-la.

Um aluno sumério deixou um relato descrevendo um dia de escola. Conta que foi chicoteado por ficar olhando para a rua. Depois chicoteado por estar indevidamente trajado. Durante o dia levou mais quatro surras por falar em sala.

Na base da pirâmide social ficavam os escravos. Não eram considerados miseráveis e tinham vários direitos.

As Crônicas Reais Sumérias fazem alusão a uma colossal elevação do nível das águas. A lenda de grande enchente aparece, e o relato do dilúvio para eliminar a humanidade. Um só homem, de grande fé, foi designado para sobreviver. Construiu uma arca e a carregou com sementes de todas as vidas.

A primeira civilização a se desenvolver na Terra nos levou, entre outras intenções, à mais importante: a escrita. Estamos falando de escrita a serviço da Conscienciologia. Muito provavelmente nós, intermissivistas, estivemos lá e durante 10.000 anos desenvolvemos conhecimentos, ampliamos a lucidez e a autoconscientização, com o objetivo de priorizarmos a evolução.

Os principiantes de ontem atingiram um patamar bem mais evoluído, na busca da evolução permanente.

Em 1728 a.e.c. teve início o reinado de Hamurabi na Babilônia. Em 1686 a.e.c. foi lavrado o código de Hamurabi e inscrito em uma grande pedra com a marca do próprio rei, na presença do Deus-Sol Babilônico. Era o primeiro código de leis da humanidade.

A escrita foi instrumento preponderante e continuará, certamente.

## **NULLA DIES SINE LINEA**

NÃO DEIXE PASSAR UM DIA SEM ESCREVER UMA LINHA.

QUANTO MAIS ESCREVO, MAIS ESCREVO.

QUANTO MAIS LEIO, MAIS ESCREVO.

QUANTO MAIS CONFIO EM MIM, MAIS ESCREVO.

A dificuldade de escrever não está no escrever, mas na autoestima em escrever consciente de realizar a programação existencial, com vistas ao autorrevezamento.

### **Referências bibliográficas:**

1. Houaiss, Antônio; *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*; Edição eletrônica; 2009.
2. Reale, Giovanni; *Platão*; São Paulo; Loyola; 2007.
3. Roque, Sebastião José; *O Corpus Juris Civilis se transformou no Código Civil do Brasil*. Jus Navigandi; Teresina; ano 16; n. 3066; 23 nov. 2011. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/20479>>. Acesso em: 18.03.2012.
4. Ullmann, Reinholdo Aloysio; *Plotino: um Estudo das Enéadas*; Porto Alegre; PUCRS; 2008.

### **Referência infográfica:**

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/952401-livreiro-do-alemao-cria-barracoteca-na-favela.shtml>, acesso em 28.02.2012.

---

**Jayme Pereira** cursou Filosofia, Teologia e Direito. Foi Procurador da Defensoria Pública do Amazonas. Escritor, professor e educador, proferiu cursos e palestras em todo o país. Possui 12 livros publicados. Atuou na estruturação e fundação da UNICIN, foi membro do CIAJUC e integrou o Grupo de Estudos de Paradireito. Pesquisador dos temas Paradireito e Estado Mundial. Especialista no idioma Latim. Voluntário da *Enciclopédia da Conscienciologia*.  
*E-mail:* [jayme\\_pereira@terra.com.br](mailto:jayme_pereira@terra.com.br)

---